

**SINAIS DE GRAMATICALIZAÇÃO
DO MARCADOR DISCURSIVO “OLHA”
EM DUAS CIDADES DO RIO DE JANEIRO**

Clesiane Bindaco Benevenuti (UENF)

clesiane@gmail.com

Patrícia Peres Ferreira Nicolini (UENF)

patricianicolini@saocamilo-es.br

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar mudanças funcionais do marcador discursivo (MD) “*olha*”, através de uma observação pancrônica de seus vários usos em amostras de fala e escrita campista e itaperunense extraídas do *Corpus* da Região Norte-Noroeste Fluminense, do Grupo de Estudos Linguagem e Educação do Programa Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense “Darcy Ribeiro” (UENF). A análise é baseada em uma abordagem funcionalista da gramaticalização e da discursivização, enfatizando a relação entre a mudança semântico-pragmática com as funções da linguagem no processo de mudança. As ocorrências analisadas sinalizam uma variação polissêmica pragmática nas práticas comunicativas em diferentes contextos de atuação discursiva que dependem do envolvimento entre o falante e o ouvinte, como também, a atitude do falante a respeito do que é dito. Essas ocorrências são mais frequentes na fala e mais discretas na escrita, quase inexistentes. A ocorrência do uso do marcador discursivo “*olha*” em contextos de variação apontam para o início de um processo de gramaticalização.

Palavras-chave: Marcador Discursivo. Processo de Gramaticalização. Discursivização.

1. Introdução

O trabalho pretende analisar o marcador discursivo (MD) “*olha*” em diferentes contextos discursivos retirados do *corpus* da Região Norte-Noroeste Fluminense. Ao todo, o *corpus* é composto por depoimentos de 143 informantes, sendo 77 da região Noroeste e 66 da região Norte Fluminense. A análise parte do princípio de que o marcador discursivo passou por um processo de gramaticalização semântico-pragmática motivado pelo uso da língua em contextos reais de fala e escrita, em que o locutor buscava uma melhor compreensão das informações transmitidas ao locutário.

O marcador discursivo “*olha*”, geralmente classificado como verbo em muitas ocorrências, principalmente da fala, não contempla mais essa classificação em alguns casos, assim, demonstrando um processo de mudança que em muitos contextos apontam sinais de gramaticalização.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Como afirma Sírío Possenti (1996, p. 18) “Seria uma violência cultural impor o dialeto padrão como única forma válida de ensinar a língua”. Mário Eduardo Martelotta (2013, p. 147) assevera que “O estudo da língua em situação real de comunicação e demonstrando a existência da natureza socioestrutural da linguagem é o ideal”.

Baseando-se nos estudos de Mário Eduardo Martelotta (2013), as funções do marcador discursivo “*olha*” serão averiguadas em diversos atos discursivos.

Contextos de atuação discursiva do marcador discursivo “*olha*” identificados na cidade de Campos dos Goytacazes (RJ) e Itaperuna (RJ) seriam de:

- Prefaciação;
- Parentetização;
- Opinião;
- Exemplificativo;

Os textos analisados são relatos de fala e escrita campista e itaperunense extraídas do *corpus* do Grupo de Estudos Linguagem e Educação do Programa Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense “Darcy Ribeiro” (UENF).

Da cidade de Campos dos Goytacazes (RJ), os entrevistados produziram cinco tipos distintos de textos orais e escritos, são eles: 1) Narrativa de experiência pessoal; 2) Narrativa recontada; 3) Descrição de local; 4) Relato de procedimento; e 5) Relato de opinião. Todos foram analisados.

Os falantes são de grupos etários variados e de níveis de escolaridade bem distintos. Foram selecionados 23 informantes do ensino fundamental, 06 informantes da EJA (Educação de Jovens e Adultos), 10 informantes de ensino médio e 27 informantes de nível superior.

A análise qualitativa e quantitativa dos dados averiguou 28 ocorrências do marcador discursivo “*olha*” nas entrevistas, sendo que no ensino fundamental nenhuma ocorrência foi detectada; na EJA, 05 ocorrências foram registradas; no ensino médio, 01 ocorrência foi registrada; no nível superior, 22 ocorrências foram registradas. Conforme a faixa etária dos entrevistados, constatou-se que até 15 anos: nenhuma ocorrência foi registrada; de 16 a 20 anos: 01 ocorrência foi registrada; de 21 a 30 anos:

02 ocorrências foram registradas; de 31 a 40 anos: 04 ocorrências foram registradas e acima de 41 anos: 09 ocorrências foram registradas.

Na cidade de Itaperuna (RJ), os entrevistados também produziram cinco tipos distintos de textos orais e escritos, são eles: 1) Narrativa de experiência pessoal; 2) Narrativa recontada; 3) Descrição de local; 4) Relatório de procedimento; e 5) Relato de opinião. Todos foram analisados.

Os falantes são de grupos etários variados e de níveis de escolaridade bem distintos. Foram selecionados 16 informantes do ensino fundamental, 21 informantes do EJA/PROEJA, 17 informantes de ensino médio e 23 informantes de nível superior.

A análise qualitativa e quantitativa dos dados averiguou 30 ocorrências do marcador discursivo “*olha*” nas entrevistas, sendo que no ensino fundamental 03 ocorrências foram detectadas; no EJA/PROEJA, 15 ocorrências foram registradas; no ensino médio, 09 ocorrências foram registradas; no nível superior, 03 ocorrências foram registradas. Conforme a faixa etária dos entrevistados, constatou-se que até 15 anos: 03 ocorrências foram registradas; de 16 a 20 anos: 03 ocorrências foram registradas; de 21 a 30 anos: 05 ocorrências foram registradas; de 31 a 40 anos: 12 ocorrências foram registradas e acima de 41 anos: 07 ocorrências foram registradas.

2. *Pressupostos teóricos*

Os estudos acerca da gramaticalização no português do Brasil propostos por Mário Eduardo Martelotta (1996) são inovadores e objetivam a divulgação de mudanças ocorridas nos campos semântico e morfossintático, nos níveis de fala e escrita.

Aprofundar os estudos com base em dados concretos da língua falada e escrita permite-nos penetrar nos estudos da gramática funcionalista, o que significa estudar e pensar a gramática para além das normas e regras propostas pela gramática normativa, sendo possível analisar a fala e a escrita em contextos variados de falantes diversos.

Mário Eduardo Martelotta (1996), assim como outros teóricos como Bolinger, Hopper, Dubois, Givón, Thompson – entende a gramática como “estrutura maleável”, sempre presente nas estruturas relacionadas às necessidades do falante.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Essas pressões estão relacionadas a um complexo de interesses e necessidades discursivas/pragmáticas fundamentais que pode compreender os propósitos comunicativos do falante de ser expressivo e informativo ou o fenômeno da existência de lacunas nos paradigmas gramaticais ou no universo de conceitos abstratos. Portanto, o desenvolvimento de novas estruturas gramaticais é motivado, quer por necessidades comunicativas não preenchidas, quer pela presença de conteúdos cognitivos para os quais não existem designações linguísticas adequadas. (MATELOTTA, 1996, p. 02)

As bases da teoria funcionalista começaram a se fortalecer a partir dos anos 90 em todo o país, sempre a partir da reflexão da produção de material adquirido e de pesquisas feitas por esses grupos formados em universidades brasileiras, como o "Grupo de Estudos Discurso & Gramática" da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) sobre a gramaticalização e discursivização na fala e escrita do povo brasileiro, isto é, uma nova forma de se fazer e de se entender a língua "... nos limites do discurso e da gramática", (Martelotta ao parafrasear Sebastião Votre), o que significa que uma língua deve ser entendida em seus sentidos mais abstratos, em suas construções de sentido – sem a necessidade de fixar-se em regras e restrições gramaticais – evidenciando, sempre, "... a criatividade eventual do discurso". (MATELOTTA, 1996, p. 02)

[...] gramaticalização e discursivização constituem processos especiais de mudança linguística. Gramaticalização leva um item lexical ou construção sintática a assumir funções referentes à organização interna do discurso ou a estratégias comunicativas. Discursivização leva o item já gramaticalizado a assumir função de marcador do discurso, reorganizando o discurso, quando a sua restrição de linearidade é momentaneamente perdida, ou servindo para preencher o vazio causado por essa perda da linearidade. (*Idem, ibidem*)

No caso deste presente trabalho, dos grupos de pessoas entrevistadas nas cidades de Campos dos Goytacazes e Itaperuna (RJ), a análise do *corpus* permitiu perceber que o marcador discursivo “*olha*” apresenta sinais de gramaticalização por ter passado por dois níveis, o nível pragmático e o nível semântico. No nível pragmático, o “*olha*” foi utilizado pelo locutor com várias recorrências de uso, com a intenção de fazer com que o locutário compreendesse melhor o sentido que ele quer passar. Para Mário Eduardo Martelotta (1996), trata-se de uma passagem concreto>abstrato com uma intenção comunicativa de facilitar a compreensão do locutário a partir da utilização de conceitos mais concretos e mais conhecidos para expressar ideias novas que surgem na dinâmica do processo comunicativo.

Por conseguinte, no nível semântico, o processo de gramaticalização de “olha” está no processo de mudança semântica ocorrida no léxico em que envolve o conhecimento dos interlocutores dos significados originais da palavra em questão, uma vez que o sentido novo precisa ser percebido pelo locutário. Nessa perspectiva, em muitos casos recorrentes na fala, o marcador discursivo “olha” não está sendo usado em seu sentido literal como ação de olhar alguém, algo ou alguma coisa, ele está sendo usado para marcar hesitações ou reformulações de fala e para interpe-lar o locutário buscando manter sua atenção.

Sendo assim, o marcador já assumiu restrições de caráter pragmático e interativo que designam um processo de discursivização e caminha para um processo de gramaticalização, visto que marca relações entre os participantes e seu discurso e já preenche dois níveis do processo de gramaticalização.

E o sentido etimológico da palavra? Em estudos feitos acerca do verbo olhar, foi constatado que sua herança é latina, mas que ele também ganhou destaque e se ramificou para outras línguas como a francesa e a espanhola. Na língua portuguesa, o verbo olhar é derivado do latim, de “*oculare*”, no qual o significado é de *dar vista, mirar, contemplar*, segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa* (AURÉLIO, 2004, p. 591). Já na língua espanhola, que é outra ramificação da língua latina – prima da língua portuguesa – se assim podemos dizer, manteve o sentido de mirar, originada do latim “*mĭrarĭ*”, que apresenta o sentido de *admirar-se, contemplar, olhar*, de acordo com o *Dicionário Etimológico* (CUNHA, 2001, p. 571).

Primeiramente, no que se refere à língua portuguesa, o verbo latino “*oculare*” apresentou uma apócope – “supressão de um fonema, de uma ou mais sílabas no fim da palavra” (AURÉLIO, 2004, p. 130) – da vogal final e passou a ser *ocular*. O segundo processo foi o de síncope – “extinção de um fonema no interior de um vocábulo” (AURÉLIO, 2004, p. 741) – perdendo, assim, o “u”, formando “*oclar*”. O terceiro processo é a transformação do grupo consonantal “cl” na palatal “lh”, transformando-se em “*olhar*”, verbo.

Hoje, além de sua função verbal, o “olha” também adquiriu significações distintas como marcador discursivo. É o que será analisado, abaixo, em relatos de grupos de Campos dos Goytacazes e Itaperuna (RJ).

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

3. *Análise da ocorrência de “olha” em dados de Campos dos Goytacazes (RJ)*

Para a coleta de dados na referida cidade, a metodologia desenvolvida pelo grupo de estudos da UENF foi de abordagens e coletas de dados na modalidade oral e escrita de grupos de pessoas pertencentes ao ensino fundamental, ensino médio, EJA/PROEJA e ensino superior, para a elaboração de um *corpus* que pudesse evidenciar o modo de fala e escrita de cada grupo pesquisado, pois – primeiramente – foi solicitado que o entrevistado respondesse a uma pergunta feita pelo grupo de estudos de forma oral e depois a fizesse de forma escrita, em forma de narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, relato de procedimento, descrição de local e relato de opinião.

Na análise do *corpus*, foram encontradas 05 ocorrências do marcador discursivo “olha” em grupos pertencentes ao ensino superior, todas como narrativas de experiência pessoal. Em narrativas recontadas, foram 04 ocorrências, sendo 02 na EJA/PROEJA e 02 ocorrências no ensino superior. No relato de opinião foram registradas 08 ocorrências, sendo 01 na EJA/PROEJA e 07 no ensino superior. Como descrição de local, apenas 01 ocorrência foi detectada, no ensino superior.

O marcador discursivo encontrado no contexto de atuação discursivo foi de *prefaciação* (SCHIFFRIN, 1987; RISSO, 1999, 2006; ROST, 2002, DOSTIE, 2004, p. 441), o que significa que o marcador discursivo introduziu um trecho que indicou certo retardamento do tópico da pergunta aberta pelo entrevistador. A resposta solicitada pelo entrevistador é inferida ou apresentada mais tardiamente pelo locutário/entrevistado. No exemplo 01, a entrevistadora solicitou à entrevistada que contasse um fato marcante de sua vida (infância). Ao utilizar o marcador discursivo “olha”, a entrevistada adquire tempo para pensar e formular sua resposta, o que também pode ser afirmado e evidenciado a partir do uso de verbos no pretérito perfeito do indicativo “casei”, “engravidei”, também há uma referência ao tempo ocorrido – com advérbio temporal implícito (quando, no momento...).

Os exemplos 02 e 03 trazem uma opinião sobre algo, a exposição de um ponto de vista acerca de uma experiência pessoal ou de um relato de opinião. O marcador discursivo de *opinião* trata de um contexto em que um personagem/falante faz uma avaliação e emite sua opinião, e a sustenta, sobre um assunto/fato/pessoa, a partir de suas vivências. Segundo Maria Helena de Moura Neves (1997, p. 101), seria um julgamen-

to ou avaliação que o falante emite a respeito de sua verdade, de seu conhecimento, experiência ou crença.

Ao solicitar um fato marcante da vida (exemplo 02) ou uma opinião sobre a cidade de Campos dos Goytacazes (exemplo 03), o falante emite observações, conhecimentos e opiniões acerca daquilo que pensa sobre o assunto e tenta, de alguma forma, sustentar o seu posicionamento: “porque”, “entendeu”?

3.1. Modalidade falada (oral):

Exemplo 01:

PARTE ORAL

Narrativa de experiência pessoal

E: Clarice... me conta algum fato que tenha te marcado...

I: olha:... eu casei muito nova... né... eu casei com vinte e um anos... e um ano logo após o meu casamento... eu engravidei... foi uma coisa assim... /mais linda que aconteceu na minha vida... saber... que eu vou botar... um ser né?... meu... /quer dizer meu que eu digo... vai sair de mim... e ele é uma coisa assim... mais importante da minha vida até hoje... não que o meu outro filho não seja... mas a primeira gravidez/em você saber que você... é capaz de botar uma pessoa né... um ser/ no mundo... e cuidar daquilo... é coisa muito linda... é/eu acho assim... a pessoa/eu penso assim... se eu não pudesse ter filho... eu seria uma pessoa muito frustrada... porque eu/foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida... foi com meus dois filhos...

Exemplo 02:

Narrativa recontada

E: conta pra mim... algum fato... que alguém contou e que marcou você...

I: olha... eu acho que a coisa que mais dói... e marca a pessoa... é as pessoas falar alguma coisa que você não é... tá:... tipo:... metida... fofqueira... e burra... sabe? essas coisa marca muito a gente né?... então... eu por ter uma vida diferenciada... não que eu sou melhor que ninguém... o que mais me dói é que eles me chamam de rica... que eu sou rica... “você é rica... metida a rica”... metida a rica... olha só:... se eu fosse rica não estava na comunidade... não estaria aqui na comunidade... não estaria aqui... criando meus filho aqui... eu nunca sai daqui pra outro lugar... então:... isso é o que mais machuca... porque...

Exemplo 03:

Relato de opinião

E: o que que você pensa: sobre Campos dos Goytacazes?...

I: olha... pra te dizer a verdade... Campos :... é bom... muito bom de morar... muito bom assim:... de trabalhar... eu gosto... entendeu?... principalmente eu... que me dou bem com todo mundo... eu só vivo brincando... então:... eu gosto... aonde eu vou... eu me dou bem com todo mundo... tem umas pequenas coisas... entendeu?... certos bairro que a gente mora... que às vezes acontece umas coisinha aqui... umas coisinha ali... e:... o resto a gente vai levando... porque:... tipo assim... eles lá... a gente cá... entendeu?...

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Exemplo 04:

Descrição de local

E: agora eu queria que você me/assim:... me descrevesse né?... algum local que você gosta... pode ser aqui dentro de Campos... pode ser na sua casa... pode ser fora de Campos... um local que você acha bonito que você se sente bem...

I: que eu gosto de ir:... pode ser uma praia? [pode:... pode ser] eu gosto muito de Búzios... ((risos)) [a:: sim... e porque que você gosta de lá?... o que que lá tem que te atrai?] a porque:... geralmente as pessoas vão... né?... pra esses lugares pra/prai:... badala:... curtir:... fazer compras:... mas não... eu já/quando vou pra lá... eu fico num lugar que é afastado... então é muito tranquilo... então me transmite paz... eu gosto de ir pra descansar... a praia que eu fico é muito tranquila [e como que é lá? você poderia me descrever?] olha:: é um paraíso né? ((risos))... o mar muito bonito... quase ninguém... então você pode/eu gosto de ler:... não sou de ficar:: tomando né?... pra tomar banho de mar... mais gosto de ficar à beira mar lendo um livro... olhando as crianças brincarem... onde eu fico... né?..

Nos exemplos 04 e 05, como descrição de local e relato de procedimento (abaixo) – com 10 ocorrências na fala; sendo 06 no ensino superior, 02 na EJA/PROEJA e 01 no ensino médio – o marcador discursivo “olha” assumiu forma *exemplificativa* (ROST, 2002; DOSTIE, 2004; DOMINGUEZ & ÁLVAREZ, 2005, p. 441). Nesse tipo de contexto, o marcador discursivo introduz uma sequência que visa reforçar com exemplos o que está sendo dito por um ou outro dos interlocutores. No exemplo abaixo, é solicitado à entrevistada que ensine os procedimentos para realizar uma tarefa, ela diz que sabe ensina receitas e começa a narrar os procedimentos, ao elencar as ações necessárias para o desenvolvimento da receita, em um determinado momento ela sente dificuldades em explicar o procedimento e recorre a expressões exemplificativas como, “tipo...” para exemplificar como será feita a ação de misturar: utilizando o liquidificador. Na sequência ela usa o “olha só...”, no intuito de exemplificar outra ação.

Exemplo 05:

Relato de procedimento

E: a senhora pode me ensinar... a fazer alguma coisa que a senhora saiba fazer bem?

I: () além do macarrão... que eu não sei dar a receita... a:... () você pega a gelatina () dois potinhos:... você faz a gelatina comum... você compra creme de leite... duas caixinhas de creme de leite... e compra uma caixinha de leite condensado... deixa ficar... deixa endurecer... depois você pega toda aquela mistura... tipo:... a gente... bate no liquidificador... depois... você retorna pra geladeira () olha só...

3.2. Modalidade escrita

O marcador discursivo (MD) “*olha*” foi detectado apenas uma vez na modalidade escrita, em um Relato de Opinião de uma professora pertencente ao grupo do ensino superior, não como verbo, porém como marcador discursivo. Ao assumir a forma de opinião, que se trata de um contexto em que um falante, no caso o entrevistado, avalia e emite sua opinião sobre um assunto/fato/pessoa, o MD – de acordo com Maria Helena de Moura Neves (1997, p. 95) – passa a determinar um julgamento que consiste na avaliação do falante acerca das verdades do conteúdo proposicional, sendo o conteúdo comunicado marcado pelo conhecimento e opiniões pessoais do locutor/entrevistado sobre determinada situação, ação, coisa.

Exemplo 01:

Relato de opinião

Olha o que o professor deve fazer como uma receita, não tem. Eu aconselharia esse professor, a observar o seu aluno e por tentativa e intuição, desenvolver atividades que fossem interessantes para seu aluno como: entregar as atividades, material, fazer chamada, conversa informal, dividir em grupos, etc.

4. Análise da ocorrência do MD “*olha*” em dados de Itaperuna (RJ)

No procedimento das entrevistas para o *corpus* foram contemplados entrevistados de faixas etárias diferentes, níveis de escolaridade distintos, bem como o cuidado de selecionar interlocutores do sexo feminino e do sexo masculino. Os entrevistadores foram treinados para abordar os entrevistados de forma que coletassem relatos de fala e escrita o mais próximo possível de um contexto espontâneo de uso da língua materna.

Da modalidade falada (oral) foi encontrado o uso do marcador discursivo “*olha*” em narrativa de experiência pessoal, na narrativa recontada e em relatos de procedimentos cujo contexto de atuação discursivo é de *prefaciação* (SCHIFFRIN, 1987; RISSO, 1999, 2006; ROST, 2002, DOSTIE, 2004, p. 441). O marcador discursivo “*olha*” introduz um trecho que indica certo retardamento do tópico da pergunta aberta pelo entrevistador. A resposta solicitada pelo entrevistador é inferida ou apresentada mais tardiamente.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

No primeiro exemplo da parte oral, a entrevistadora solicita ao entrevistado que relate uma experiência pessoal em que ele tenha escrito algo que considerasse significativo, quando responde, o entrevistado inicia com “*olha*” e uma pequena pausa, esse recurso foi utilizado para gerar um pequeno espaço de tempo para o entrevistado assimilar a pergunta e formular o início da resposta, ou seja, o marcador discursivo “*olha*” foi utilizado para produzir um retardamento estratégico para que a pergunta fosse compreendida e a resposta formulada.

Exemplo 01:

PARTE ORAL

Narrativa de experiência pessoal

E: Anderson... conta pra mim... alguma coisa que você escreveu e que te marcou...
I: olha... eu:: uma coisa assim que me marcou um pouco... foi uma carta que eu escrevi pra minha tia... uma vez... ela tava... né? meio adoentada... morava no Rio de Janeiro... e aí eu:: escrevi essa carta pra ela... falando que eu gostava muito de:: /la/... essas coisas assim... e ela... ficou emocionada::da... aí depois... mandou outra pra mim... e isso aí me marcou...

No segundo exemplo, o entrevistador solicita à entrevistada que relate uma história/relato que tenha ouvido de outra pessoa, para que a situação do uso da fala na narrativa recontada aconteça da forma mais descontraída possível, o entrevistador pede à entrevistada que seja uma história engraçada ou constrangedora, isto é, uma situação bem informal. Da mesma forma do primeiro exemplo, a entrevista inicia com “*olha*” e uma pausa, a mesma estratégia para criar uma suficiência de tempo para a compreensão da pergunta e a formulação do início do relato.

Exemplo 02:

Narrativa recontada

E: Zilma agora cê vai contar pra gente algum fato curioso... engraçado ou constan... constrangedor... que alguém tenha contado pra você...
I: olha... o que eu achei mais engraçado... que é uma... uma amiga minha... a gente é amiga há muito tempo/a gente trabalha e tudo mais... então ela contando pra mim... sem saber... que a pessoa que ela estava se referindo era meu sobrinho... que ela já vinha no ônibus... de Campos pra Itaperuna... e:: tava um bêbado... não é? chateando eles... dentro do ônibus... e tava fumando com o ônibus todo fechado... então o motorista parou o ônibus e pediu pra ele parar

Na sequência das análises, foi encontrada uma ocorrência de uso do marcador discursivo “*olha*” *adversativo* (WALTEREIT, 2002, p. 441), em que uma dada declaração opõe os parceiros conversacionais. O locutário infere algo a partir da declaração do locutor e produz, na sequência, uma afirmação, uma resposta contrária à expectativa.

No exemplo abaixo, o entrevistador explica ao entrevistado o que é um relato de procedimento e solicita a ele que explique os procedimentos necessários para a execução de alguma tarefa que ele saiba realizar. Ao dizer “olha” e dar uma pequena pausa, o entrevistado hesita porque sabe que a sua afirmação não é a resposta esperada pelo entrevistador, a atitude do entrevistado foi oposta ao que era esperada pelo entrevistador, tanto que ele tenta reformular a questão.

Exemplo 03:

Relato de procedimento

E: Paulo... você que... que/que veio da zona rural isso aqui vai ficar fácil pra você... tem um negócio aqui chamado... relato de procedimento... você vai precisar explicar pra gente... ensinar/é como se você estivesse nos ensinando... os procedimentos... a maneira... pra se executar alguma coisa... pode ser um ... um/uma... alguma coisa que você saiba fazer assim de profissão... como também pode ser uma simpatia na/quem mora na roça conhece um monte de simpatia pra um monte de coisa... se for uma simpatia também cê pode dizer simpatia pra tal coisa como que faz... ou alguma coisa que seja da sua habilidade profissional fazer... enfim cê vai ensinar a gente a fazer determinada coisa...

I: olha... ensinar não é muito o meu forte não...

E: não... falar como que faz...

Nos textos de descrição local e relato de opinião foram encontrados o uso do marcador discursivo “olha” em contexto de atuação discursivo *de opinião*. Nesse contexto o falante faz uma avaliação e emite sua opinião sobre um assunto/fato/pessoa.

No exemplo abaixo, o entrevistador pede à entrevistada que descreva um local de Itaperuna do qual ela goste, a resposta é prontamente executada, a entrevistada inicia sua fala com “olha eu” marcando seu processo de avaliação e emissão de sua preferência/opinião que vem na sequência da fala.

Exemplo 04:

Descrição de local

E: Zilma... agora cê é: vai descrever pra gente um local de sua preferência aqui em Itaperuna/algum ponto... daqui da cidade de Itaperuna que você goste...

I: olha eu:: gosto demais de Itaperuna de todos locais... que há muitos anos eu moro aqui/e sempre desde que eu morava lá em Itajara... eu sempre... tive vontade de morar aqui... tô re/realizando o meu sonho porque é a minha cidade preferida ... agora... o bairro Niterói... que me marcou mais... porque... eu morei solteira lá... onde tinha () minhas amigas... meu primeiro namorado sabe? então tem aqueles locais... aquela pracinha do Bairro Niterói... que a gente se encontrava/então é uma coisa que marcou... e depois que eu casei também... fui morar lá... meus filhos pequeno... então eu ficava passeando naquela pracinha ali/então é é uma coisa assim... é o bairro... que eu gosto muito é o bairro Niterói... e também gosto muito do... Cidade Nova...

No exemplo 05, quando solicitado a dar sua opinião sobre o modo de falar dos habitantes de Itaperuna, o entrevistado tem a mesma atitude,

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

inicia sua fala com “*olha*” manifestando uma breve avaliação do solicitado pelo entrevistador e prontamente na sequência revela sua opinião.

Exemplo 05

Relato de opinião

E: qual a sua opinião né... sobre a cidade de Itaperuna... é: sobre o modo dos habitantes de falar?

I: olha/os habitantes de Itaperuna... não sei se por ser do interior... mas falamos assim de uma maneira correta mas sempre cometendo aquele jeito aquele/eu acho que há o sotaque principalmente nas áreas mais rurais de Itaperuna... mas eu creio que tem algumas diferenças é: algumas vezes nós trocamos o r... o s pelo r né... também na palavra: é mais na palavra mesmo as pessoas falam mermo e assim aquela coisa toda rústica mesmo de cidade de interior... mais Itaperuna em termos gerais tem um:... sotaque meio caipira/um pouco diferente...

Nesse contexto de análise, no texto da narrativa de experiência pessoal foi encontrado o contexto de atuação discursivo de *parentetização* (JUBRAN, 2006, p. 296). O marcador discursivo “*olha*” insere-se num enunciado parentético em que o falante encaixa um comentário que não integra diretamente a articulação tópica sugerida pelo entrevistador. O tópico, momentaneamente desviado, é retomado assim que se fecharem os parênteses.

Quando solicitado ao entrevistado que contasse uma experiência pessoal significativa, o entrevistado faz a narração em primeira pessoa até chegar ao ponto em que se abre um “parêntese” nessa narração e ele utiliza o marcador discursivo “*olha*” para sinalizar a encenação da fala do tio “... *olha ninguém se molha e que senão não entra dentro do carro de novo...*”, finalizando essa encenação, a narração segue em primeira pessoa.

Nesse contexto de análise, no texto da narrativa de experiência pessoal foi encontrado o contexto de atuação discursivo de *parentetização* (JUBRAN, 2006, p. 296). O marcador discursivo “*olha*” insere-se num enunciado parentético em que o falante encaixa um comentário que não integra diretamente a articulação tópica sugerida pelo entrevistador. O tópico, momentaneamente desviado, é retomado assim que se fecharem os parênteses.

Quando solicitado ao entrevistado que contasse uma experiência pessoal significativa, o entrevistado faz a narração em primeira pessoa até chegar ao ponto em que se abre um “parêntese” nessa narração e ele utiliza o marcador discursivo “*olha*” para sinalizar a encenação da fala do tio “... *olha ninguém se molha e que senão não entra dentro do carro*

de novo...”, finalizando essa encenação, a narração segue em primeira pessoa.

4.1. Parte oral:

Exemplo 01:

Narrativa de experiência pessoal

E: conta pra mim alguma coisa que aconteceu com você... que te marcou...
I: é... um dia... eu fui eu viajei de férias pra Macaé... e:: a gente todo dia de manhã a gente ia na praia só que foi de manhã... foi:: foi mais a tarde assim... () só que a gente foi na praia por marra nossa mesmo minha entendeu... e dos meus primos que a gente queria ir na praia... só pra dizer que foi... porque:: tava tarde já escurecendo... a gente chegou lá () aí nosso tio falou assim... olha ninguém se molha e que senão não entra dentro do carro de novo... aí tá... fomos lá... quando chegamos a gente ficamos brincando de passar o dedo na espuminha da água... quando a onda deixava a água na areia a gente passa o dedo () mais... só que quando a água voltava... eu fico tonta de ver aquela água voltando... aí eu fui chegando perto... fui chegando perto... e corria toda vez que a onda vinha... só que teve uma vez que eu tropecei... cá... a onda veio me deu um caldo eu nunca mais esqueci... todo mundo riu da minha cara... ainda tiveram de pôr umas quatro toalha pra mim sentar pra mim não sujar o banco do:: do... do carro é isso.

Na modalidade escrita, nenhuma ocorrência foi detectada de “olha” como marcador discursivo, apenas foi detectado como ação, verbo “olhar”.

5. Apuração dos dados e considerações finais

Na cidade de Itaperuna (RJ), na modalidade oral, foram apuradas 05 ocorrências do marcador discursivo “olha” em *narrativa de experiência pessoal*, sendo 04 ocorrências na EJA e 01 no ensino fundamental. Em *narrativa recontada* foram 07 ocorrências, sendo 04 ocorrências na EJA, 01 no ensino fundamental e 02 no ensino médio.

Ainda na modalidade oral, o marcador discursivo “olha” foi utilizado em 04 ocorrências no *relato de procedimentos*, sendo 02 ocorrências na EJA, 01 no ensino fundamental e 01 no ensino médio. Ocorreram 05 ocorrências desse marcador em textos de *descrição de local*, sendo 01 no ensino médio, 03 na EJA e 01 no ensino superior. No *relato de opinião*, foram 09 ocorrências do marcador discursivo “olha”, sendo 05 no ensino médio, 02 no ensino superior e 02 na EJA. Não ocorrendo nenhum caso na modalidade escrita, na qual “olha” foi utilizado como ação verbal.

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

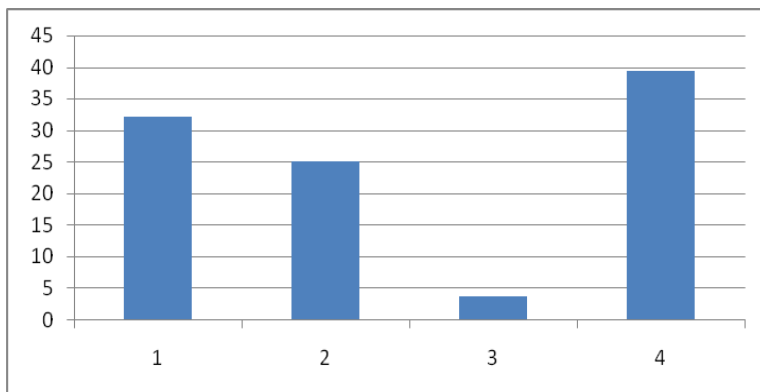
Na cidade de Campos dos Goytacazes (RJ), os seguintes dados foram encontrados e apurados na modalidade oral: *narrativa de experiência pessoal*: 05 ocorrências, todas no ensino superior. Na modalidade *narrativa recontada*, houve 04 ocorrências, sendo 02 na EJA e 02 ocorrências no ensino superior.

Como *descrição de local*, apenas 01 ocorrência foi evidenciada, no ensino superior. Em *relato de procedimento*, 10 ocorrências foram encontradas, sendo 06 no ensino superior, 02 na EJA e 01 no ensino médio. E, na última análise oral, como *relato de opinião*, 08 ocorrências foram registradas, 01 na EJA e 07 no ensino superior.

Campos dos Goytacazes, diferente de Itaperuna, apresentou 01 ocorrência do “*olha*” no *relato de opinião* escrito, como marcador discursivo.

Contexto de Atuação	Ensino fundamental	Ensino Médio	EJA/PROEJA	Ensino Superior	Total
Prefaciação	X	X	01	08	09
Opinião	X	X	02	05	07
Parentetização	X	X	X	01	01
Exemplificativo	X	01	02	08	11
Total	0	01	05	22	28

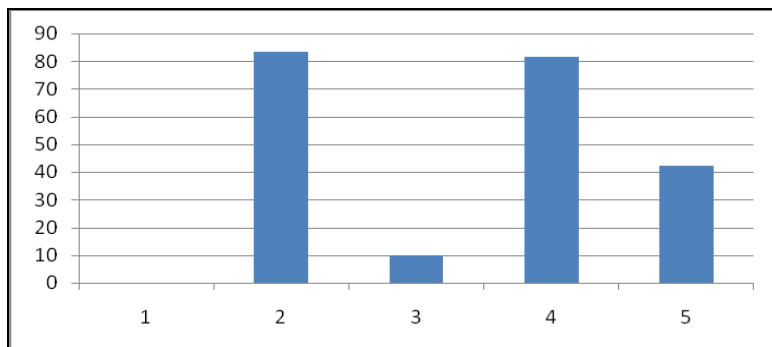
Distribuição pancrônica do MD “*olha*” de acordo com os contextos de atuação discursiva na modalidade oral em: Campos (RJ)



Total de registros em porcentagem do MD “*Olha*” em Campos – RJ

Contexto de Atuação	Registros Encontrados	Porcentagem
1- Prefaciação	09	32,14286%
2- Opinião	07	25%
3- Parentetização	01	3,571429%
4- Exemplificativo	11	39,28571%
Total	28	

Registro e Porcentagem do MD “Olha” por nível de escolarização



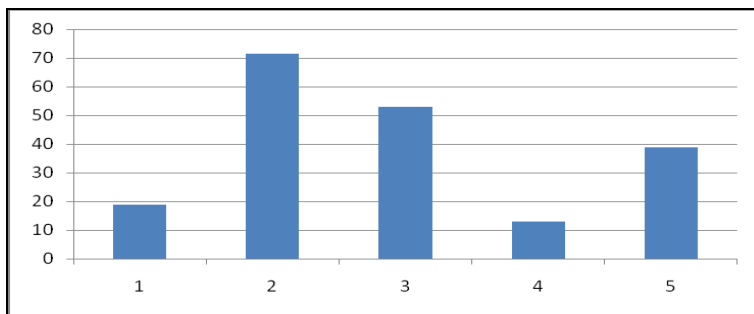
Nível de Escolarização	Entrevistados	Registro MD	Porcentagem
1-E. Fundamental	23	0	0%
2- EJA	06	05	83,33333%
3- Ensino Médio	10	01	10%
4- E. Superior	27	22	81,48148%
Total	66	28	42,42424%

Distribuição pancrônica do MD “olha” de acordo com os contextos de atuação discursiva na modalidade oral em: Itaperuna – RJ

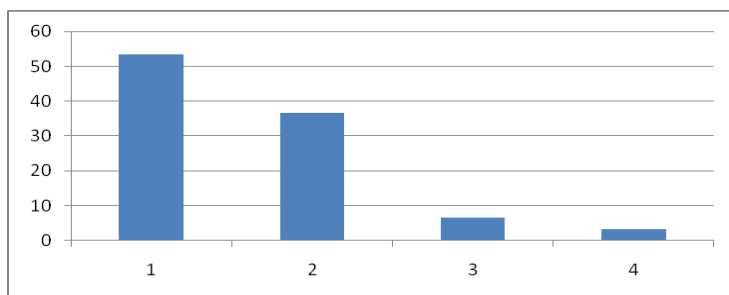
**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

Contexto de Atuação	Ensino fundamental	Ensino Médio	EJA/PROEJA	Ensino Superior	Total
Prefaciação	02	05	09	X	16
Opinião	X	04	05	02	11
Parentetização	01	X	X	01	02
Adversativo	X	X	01	X	01
Total	03	09	15	03	30

Total de registros em porcentagem do MD “Olha” em Itaperuna – RJ



Contexto de Atuação	Registros Encontrados	Porcentagem
1- Prefaciação	16	53,333333%
2- Opinião	11	36,66667%
3- Parentetização	02	6,66667%
4- Exemplicativo	01	3,333333%
Total	30	



Registro e Porcentagem do MD “Olha” por nível de escolarização

Nível de Escolarização	Entrevistados	Registro do MD	Porcentagem
1- E. Fundamental	16	03	18,75%
2- EJA	21	15	71,42857%
3- Ensino Médio	17	09	52,94118%
4- Superior	23	03	13,04348%
Total	<u>77</u>	<u>30</u>	38,96104%

Distribuição pancrônica do MD “olha” de acordo com os contextos de atuação discursiva na modalidade escrita em: Campos (RJ). Em Itaperuna não há nenhum registro

Contexto de Atuação	Ensino fundamental	Ensino Médio	EJA/PROEJA	Ensino Superior	Total
Opinião	X	X	X	<u>1</u>	<u>1</u>

Diante da apuração dos dados de Itaperuna, percebe-se que o marcador discursivo “olha” foi utilizado apenas no uso oral da língua estando mais presente no grupo de falantes frequentadores da EJA/PROEJA (10 ocorrências), no contexto de atuação discursiva de *prefaciação*. Esse mesmo grupo, com menor frequência (05 ocorrências), utilizou marcador discursivo no contexto de atuação discursiva de *opinião*.

Enquanto em Campos, no contexto de *prefaciação*, o marcador discursivo foi utilizado uma vez na modalidade escrita (por um membro do ensino superior). Na oralidade, a ocorrência maior do “olha” ficou dividida entre grupos do ensino superior (08 ocorrências) e da EJA/PROEJA (01 ocorrência). A atuação discursiva de *opinião* não é frequente na EJA/PROEJA (02 ocorrências), em relação ao ensino superior (05 ocorrências).

No grupo dos entrevistados que estão no ensino médio em Itaperuna, o uso mais frequente do marcador discursivo “olha” é no contexto de atuação de *prefaciação* (04 ocorrências), de *opinião* (04 ocorrências) e de adversativo (01 ocorrência). Em Campos não há nenhuma ocorrência do marcador discursivo “olha” nesse grupo pesquisado. Assim como também não há nenhum registro de atuação de *parentetização* no ensino médio, o que ocorreu apenas uma vez no ensino superior.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

O grupo de entrevistados de Itaperuna que frequenta o ensino fundamental utiliza o marcador discursivo “*olha*” com menor regularidade, tendo 02 ocorrências no contexto discursivo *de prefaciação* e 01 ocorrência de uso no contexto discursivo *de parentetização*. O grupo pertencente ao ensino fundamental de Campos não utiliza o marcador discursivo “*olha*” em nenhum caso *de parentetização*, nem *exemplificativo* (com o intuito de reforçar com exemplos o que está sendo dito), o que ocorre no ensino médio (01 ocorrência), EJA/PROEJA (02 ocorrências) e ensino superior (08 ocorrências).

Por conseguinte, em Itaperuna, o grupo de entrevistados que cursam o ensino superior utiliza o marcador discursivo “*olha*” em 03 ocorrências, sendo 02 ocorrências no contexto de atuação discursiva *de opinião* e 01 ocorrência no contexto de atuação discursiva *de parentetização*.

6. Conclusão

Diante da análise realizada em que foi considerado o contexto comunicativo e pragmático em que o elemento lexical e gramatical “*olha*” desenvolveu polissemicamente novas funções em que, ao longo do tempo, seu uso se estabeleceu preferencialmente na fala em contextos de prefaciação e de opinião, havendo regularidade de uso resultantes de um processo de mudança semântico-pragmático e de mudança de categoria verbo > marcador discursivo, partindo do mais concreto para o menos concreto (concreto > abstrato), no qual o elemento “*olha*” pode ser considerado um item que passa por um processo de gramaticalização, baseando-se em estudos de Mário Eduardo Martelotta (1996).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CEZARIO, Maria Maura; MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué. *Gramaticalização no português do Brasil*. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 1996.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DOMÍNGUEZ, Carmen Luisa; ÁLVAREZ, Alexandra. Marcadores en interacción: un estudio de marcadores en el español hablado en Mérida (Venezuela). *Revista Virtual de Estudios da Linguagem*, [s.l.], vol. 3, n. 4,

mar. 2005. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/pt>>. Acesso em: 15-09-2015.

DOSTIE, Gaétane. Deux marqueurs discursifs issus de verbes de perception: de “écouter”/ “regarder” à “écoute”/ “regarde”. *Cahiers de Lexicologie*, Paris, n. 73, p. 85-106, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da língua portuguesa*. 7. impr. Curitiba: Positiva, 2004.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. Parentetização. In: ____; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Unicamp, 2006, vol. 1, p. 301-358.

LUQUETTI, Eliana Crispim França. *A língua falada e escrita na região norte-noroeste fluminense*. 1. ed. Grupo de Estudos Linguagem e Educação/Universidade Estadual do Norte Fluminense “Darcy Ribeiro” (UENF), Campos dos Goytacazes, 2013.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Texto e gramática*. 1. ed., 3. reimpr. São Paulo: Contexto, 2011.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

RISSO, Mercedes Sanfelice. *Marcadores discursivos basicamente sequenciadores*. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Unicamp, 2006, vol. 1, p. 427-496.

ROST, Claudia Andrea. *Olha e veja: multifuncionalidade e variação*. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística). – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

WALTEREIT, Richard. Imperatives, interruption in conversation, and the rise of discourse markers: a study of Italian *guarda*. *Linguistics*, Berlin, vol. 40, n. 5, p. 987-1010, 2002.